VI Encontro Discente de História da UFRGS

ISSN 1984-5634

Mulheres negras construindo outras epistemologias ao sul do Sul no pós-Abolição meados do séc. XX e XXI

Jacilene Aguiar Silva[1]

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

AS PROBLEMÁTICAS DO PÓS-ABOLIÇÃO NA EDUCAÇÃO

Desde as últimas décadas do século XX , os avanços educacionais mostraram-se terreno fértil para a produção teórica que pudesse evidenciar sujeitos e realidades historicamente silenciadas e invisibilizadas. Nesse sentido, podemos localizar homens e mulheres negras que, enquanto agentes históricos, foram suprimidos pela condição de "Outro". Logo, suas histórias, protagonismos e agenciamentos perpetuaram na historiografia sob a ótica da exclusão e do não-lugar.

Se hoje a História ampliou suas reflexões sobre sujeitos racializados, isso, em grande medida é resultado dos esforços de pesquisadores que, desde a década de 1980, propuseram revisitar e examinar a História da Escravidão e Liberdade, em um contexto em que a agenda de homens e mulheres realizava denúncias das desigualdades sociais e raciais, como as discutidas no Centenário da Abolição, nas reivindicações do Movimento Negro e na redemocratização do Brasil. O pós-Abolição emerge em um primeiro momento como um campo de estudos que vem ampliando fontes, temporalidades e análises históricas desencadeadas a partir do dia treze de maio de 1888, mas tem lançado mão de reflexões para pensar e problematizar as experiências da liberdade, cidadania e agência da população negra (CHALHOUB; LARA; MATTOS, 1989).

Hebe Mattos e Ana Lugão (2004, p. 172) explicam que o campo do pós-abolição emerge como um problema histórico, uma vez que é necessário "incluir variáveis e preocupações múltiplas", o que também implica na "recontextualização de conceitos como cidadania e liberdade e seus possíveis significados para os atores sociais". Nesse sentido, é importante destacar

EDITOR-CHEFE:
Elisa Schneider Venzon

EDITORA-GERENTE:
Leandro Ferreira Souza

COMO CITAR:
Silva, J. A. Mulheres negras construindo outras epistemologias ao sul do Sul no pós-Abolição meados do séc. XX e XXI. *Aedos*, Porto Alegre, v. 16, n. 35, p. 54-58, jan.–jun., 2024.

https://seer.ufrgs.br/aedos/

1 Mestranda em História Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Orcid: https://orcid.org/0000-0001-7299-4743. E-mail: jacyaguiars2@gmail.com.

a presença das mulheres negras na historiografia a partir do diálogo com o campo do pós-Abolição, observando a agência e protagonismo desses sujeitos históricos na conquista da cidadania, sobretudo na produção de saberes e valorização da potencialidade negra.

Contudo, conforme chamam a atenção Flávio Gomes e Marcelo Paixão (2012), nas últimas décadas o cenário da produção teórica que se refere à história das mulheres negras na historiografia aponta a presença dessas mulheres, principalmente no período escravista. Já no pós-Abolição, vemos que esse é um período marcado pela invisibilização dessas mulheres, o que se mostra como um grande desafio a ser superado pela historiografia.

Se as relações de gênero e raça no período escravista construíram a imagem das mulheres negras estritamente vinculadas ao papel de mucamas, amas de leite e, nas primeiras décadas seguintes à abolição, predominou a estigmatização e erotização do corpo da mulher negra. Esses estereótipos persistem até os dias atuais, evidenciando os problemas do pós-Abolição nas relações de gênero. Nossa ideia, portanto, é contrapor essa narrativa e destacar o agenciamento de mulheres negras como produtoras de conhecimento como respostas às estruturas racistas por meio de seus saberes.

Assim, evidenciamos a participação de mulheres negras gaúchas que, de acordo com Oliveira (2020), tiveram um papel crucial no efetivo incentivo e articulação de processos educativos em suas trajetórias e comunidades em que estavam inseridas no pós-Abolição. É importante ressaltar que essas mulheres negras buscam superar as barreiras impostas pelo racismo e sexismo, assumindo um papel ativo na construção de sentidos e direitos de cidadania para suas comunidades.

MULHERES NEGRAS PRODUTORAS DE CONHECIMENTO AO SUL DO SUL

Tomamos a definição *ao sul do Sul*, a partir das historiadoras Fernanda Oliveira e Priscila Nunes (2019), para pensar a atuação de mulheres negras gaúchas, localizadas em um espaço que vai além de uma demarcação geográfica regional, mas que nos faz pensar na delimitação epistêmica, marcada pela supressão dos saberes enegrecidos, que posiciona sujeitos marcados pela múltipla identidade racial *afro-ladina* como subalternos, onde a intelectualidade é vista exclusivamente sob uma perspectiva eurocêntrica.

Em primeiro lugar, buscamos evidenciar a presença de mulheres negras no Rio Grande do Sul, contrapondo a narrativa oficial, que fortalece o mito de um estado com características da Europa no Brasil. Como apontam Oliveira e Nunes (2019, p. 456), esses processos históricos privilegia a narrativa de um estado branco de imigração Ítalo-germânica, onde " permanece até os dias de hoje a imagem de que o Rio Grande do Sul é a "Europa brasileira", como se, somente, o capital cultural e humano europeu estivessem aqui presente". O que se percebe com a idealização de uma identidade ítalo-germânica nessa territorialidade é o apagamento da História negra, as contribuições e participações de homens e mulheres que estiveram presentes no passado e no presente (OLIVEIRA; NUNES, 2019).

Além disso, ao sul do Sul refere-se à construção e valorização de epistemologias forjadas por mulheres negras. Os processos coloniais no território afro-latino-americano foram extremamente violentos para a supressão de potencialidades negras, como explica Lélia Gonzalez. Defendemos, portanto, que essas epistemologias outras têm como base teórica o Feminismo Negro, que, por meio do conceito de Enegrecer de Sueli Carneiro (2003), evidenciou a raça e as mulheres no movimento contra o sexismo e as opressões raciais.

> O feminismo esteve, também, por longo tempo, prisioneiro da visão eurocêntrica e universalizante das mulheres. A consequência disso foi a incapacidade de reconhecer as diferenças e desigualdades presentes no universo feminino, a despeito da identidade biológica. Dessa forma, as vozes silenciadas e os corpos estigmatizados de mulheres vítimas de outras formas de opressão além do sexismo, continuaram no silêncio e na invisibilidade. (CARNEIRO, 2003, p. 118)

Com isso, buscamos destacar as trajetórias, mesmo que brevemente, de quatro mulheres negras gaúchas que atuaram tendo a bandeira da Educação como mecanismo de defesa e empoderamento. São mulheres que tiveram suas vidas circunscritas pelo racismo, mas forjaram epistemologias para expandir e ecoar suas vozes.

Maria Helena Vargas da Silveira foi uma escritora negra que nasceu em Pelotas no ano de 1940 e faleceu no ano de 2009, em Brasília. Sua mãe, uma costureira e seu pai, motorista. Desde cedo, aprendeu sobre os atravessamentos da raça e os impactos do racismo em sua vida. Formou-se em Pedagogia e, ao longo de sua vida, publicou onze livros literários. Em suas obras, não deixou de evidenciar a presença de homens e mulheres negras do Sul e suas raízes africanas. Em seu livro "Negrada", publicado em 1995, a autora chama a atenção para sua produção:

> "Negrada" tem nascedouro nas histórias de negros cuja cumplicidade vai além da cor da pele. Apesar dos grupos diversificados quanto a fatores ambientais, sociais, culturais, econômicos, ideológicos, os negros possuem em comum o enfrentamento como as provocações e indiferenças para excluí-los de muitos planos de vida. (1995, p.11)

Maria Rita Py Dutra, uma mulher negra, nasceu em Santa Maria/RS em 1948, filha de uma mulher negra e pai branco, ambos analfabetos. Ela é escritora, mãe, avó, irmã, professora e a primeira doutora negra em Educação da UFSM, em 2018. Uma mulher com ativa participação na política, formou-se em Pedagogia, fez mestrado em Ciências Sociais e doutorado em Educação. Seu livro "Os problemas de Júnior" é uma literatura de escrevivência que aborda os impactos do racismo na criança negra. "Poemas para brincar", outro livro que reflete as vivências na educação infantil, além de colaborar com a obra "Nas trilhas da negritude" em parceria com outros pesquisadores, apresenta o panorama dos avanços e conquistas do movimento negro pela educação.

Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva, mulher negra, professora e escritora, nasceu em Porto Alegre, no bairro Colônia Africana. Sua formação é na área das linguagens e Educação. Estudou em Paris, África do Sul e foi professora visitante no México. Foi relatora do Parecer CNE/CP 3/2004. Em 1987, defendeu a tese "Educação e identidade dos negros trabalhadores rurais do Limoeiro", que depois foi base para o reconhecimento da comunidade como quilombo. Professora universitária, tem produzido e orientado inúmeros trabalhos acerca da temática racial e a Educação.

> Se a diversidade étnico-racial e a pluralidade das formas de viver e de pensar a vida, o mundo, as relações entre as pessoas, entre elas e o ambiente em que vivem, está tornando-se realmente central nas preocupações e objetivos da universidade, há que se buscar e/ou criar teorias que ajudem a abordar perspectivas distintas, que permitam fazer a crítica daquelas que desconsideram ou eliminam as diferenças. (SILVA, 2003, p. 50)

Luiza Helena de Bairros nasceu em 1953 em Porto Alegre, Rio Grande do Sul e faleceu em 12 de julho de 2016 na mesma cidade. Formou-se em Administração Pública e Administração de Empresas,

especializou-se em Planejamento Regional, fez mestrado em Ciências e doutorado em Sociologia pela Michigan State University. Luiza foi uma mulher muito importante na articulação e defesa do movimento Negro e do movimento de mulheres negras, tendo uma trajetória ativa no debate e participação nacional contra o racismo. Em seu artigo "Nossos feminismos revisitados" Bairros (1995), a autora chama atenção para criação de teorias que possam pensar as experiências de sujeitos em todas as categorias.

> Considero essa formulação particularmente importante não apenas pelo que ela nos ajuda a entender diferentes feminismos, mas pelo que ela permite pensar em termos dos movimentos negro e de mulheres negras no Brasil. Este seria fruto da necessidade de dar expressão a diferentes formas da experiência de ser negro (vivida atreves do gênero) e de ser mulher (vivida atreves da raça) o que torna supérfluas discussões a respeito de qual sena a prioridade do movimento de mulheres negras luta contra o sexismo ou contra o racismo'? Já que as duas dimensões não podem ser separadas. Do ponto de vista da reflexão e da ação políticas uma não existe sem a outra.(BAIRROS, 1995, p. 461)

Ao olhar para a trajetória dessas mulheres, percebemos que suas produções teóricas e orais têm como lugar comum, aspectos de suas experiências e atravessamentos de raça, classe e gênero. Mulheres que evocam a escrevivência pessoal e coletiva como tribuna de denúncia. Ambas evidenciam um *sul negro*, com resgate da história suprimida pelos processos coloniais. Produzem conhecimentos que perpassam perspectivas importantes para a literatura, historiografia, educação e política, evidenciando por meio de variados campos histórias que por vezes são/foram ignoradas e apagadas pela sociedade e historiografia oficial. A literatura, o conhecimento científico tem sido produzido a partir dessas mulheres como espaço de luta e resistência contra a opressão e a discriminação.

REFERÊNCIAS

BAIRROS, Luiza. Nossos feminismos revisitados. *Revista estudos feministas*, v. 3, n. 2, p. 458-458, 1995.

CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro na belle époque*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves; SILVÉRIO, Valter Roberto. *Educação e ações afirmativas: entre a injustiça simbólica e a injustiça econômica* / (Org). – Brasília : Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2003.

GONZALEZ, Lélia. "Racismo e sexismo na cultura brasileira". *In:* SILVA, L. A. *et al.* Movimentos sociais urbanos, minorias e outros estudos. *Ciências Sociais Hoje*, Brasília, ANPOCS n. 2, p. 223-244, 1983.

GONÇALVES, Luiz Alberto Oliveira; SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves. Movimento negro e educação. *Revista brasileira de educação*, p. 134-158, 2000. Disponível:https://www.scielo.br/j/rbedu/a/8rz8S3Dxm9ZLBghPZGKtPjv/?format=pdf&lang =pt. Acesso em janeiro de 2022.

GOMES, Flávio; PAIXÃO, Marcelo. Histórias das diferenças e das desigualdades revisitadas: notas sobre gênero, escravidão, raça e pós-emancipação. *In: Mulheres Negras no Brasil escravista e do pós-emancipação* (Org) XAVIER, Giovana; FARIAS, Juliana Barreto e GOMES, Flavio. São Paulo/SP, Selo Negro, 2012. p. 297-331.

LARA, Silvia Hunold. Escravidão, cidadania e história do trabalho no Brasil. *Projeto História*. São Paulo, v.16, p. 25-38, 1998.

MATTOS, Hebe. *Das cores do silêncio: os significados da liberdade no Sudeste escravista, Brasil século XIX*. 3ª Ed. Ver. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.

OLIVEIRA, Fernanda; PEREIRA, Nunes Priscila. Pensamento de mulheres negras ao sul do Sul: das lutas coletivas por cidadania à narrativa da existência por meio da educação. *Currículo sem fronteiras*, v.19, n.2, p. 453-477, maio/ago. 2019.

OLIVEIRA, Fernanda. Luciana Lealdina de Araújo e Maria Helena Vargas da Silveira: história de mulheres negras no pós abolição do sul do Brasil. Niterói: Eduff, 2020. (*Coleção Personagens do pós-abolição: trajetórias e sentidos de liberdade no Brasil republicano,* v. 2)

RITA, Maria. *Os problemas de Júnior*; Ilustrações: Tui. 3a ed. rev. Santa Maria, 2014.

RIOS, Ana Maria; MATTOS, Hebe Maria. O pós-abolição como problema histórico: balanços e perspectivas. *Topoi Rio de Janeiro*, v. 5, p. 170-198, 2004. Disponível em:https://www.scielo.br/j/topoi/a/FRCsRSBMxZHwc7mD63wSQcM/?lang=pt&format=pdf. Acesso em janeiro de 2022.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. Aprender, ensinar e relações Aprender, ensinar e relações étnico-raciais no Brasil étnico-raciais no Brasil. *Educação*. Porto Alegre/RS, ano XXX, n. 3 (63), p. 489-506, set./dez. 2007